



A construção de um *think tank* neoliberal no Brasil: o Instituto Liberal, seus fundadores e intelectuais*

La construcción de un think tank neoliberal en Brasil: el Instituto Liberal, sus fundadores e intelectuales

The construction of a neoliberal think tank in Brazil: the Liberal Institute, its founders and intellectuals

Lidiane Friderichs**

RESUMO

O artigo analisa a importância do Instituto Liberal para a consolidação do neoliberalismo no Brasil. Primeiramente, debate-se conceitos importantes para compreender o neoliberalismo e a atuação dos think tanks pró-mercado, em seguida, são apresentadas as iniciativas que buscaram fundar um instituto neoliberal no Brasil e o resultado que obteve êxito com o Instituto Liberal em 1983. Em seguida, apresentam-se os principais fundadores do centro, seus objetivos com o instituto e suas conexões empresariais e políticas. Por último, se analisam os intelectuais responsáveis pela estruturação teórica do instituto e pelas

* Esse texto foi produzido a partir da tese de doutorado da autora, defendida em 2019 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com financiamento da CAPES. Atualmente os projetos de pesquisa da autora estão vinculados ao Pós-doutorado realizado na Universidade Estadual do Maranhão (CNPq/FAPEMA).

** Doutora em História pela Unisinos. Pós-doutoranda na Universidade Estadual do Maranhão, vinculada ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História, com financiamento do CNPq/FAPEMA. Integra o GT "Intelectuales, ideas y política" da CLACSO e é pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea (NUPEHC/UEMA), Brasil, correo electrónico: lidifridrichs@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1568-456X>.

publicações do mesmo. Entende-se que o Instituto Liberal desempenhou um papel central na divulgação do livre mercado e na fabricação um consenso favorável ao neoliberalismo no Brasil.

Palavras-chaves: Think tank, Neoliberalismo, Instituto Liberal, Brasil

RESUMEN

El artículo analiza la importancia del Instituto Liberal para la consolidación del neoliberalismo en Brasil. Primeramente, se discuten los conceptos importantes para comprender al neoliberalismo y la actuación de los think tanks pró-mercado, a seguir, son presentadas las iniciativas que trataban de fundar un instituto neoliberal en Brasil lo cual tuvo éxito con el Instituto Liberal en 1983. A seguir, se presentan los principales fundadores del centro, sus objetivos con el instituto y sus conexiones empresariales y políticas. Por último, se analizan los intelectuales responsables por la estructura teórica del instituto y por las principales publicaciones del mismo. Se entiende que el Instituto Liberal jugó un papel central en la divulgación del libre mercado y en la fabricación de un consenso favorable al neoliberalismo en Brasil.

Palabras clave: Think tank, Neoliberalismo, Instituto Liberal, Brasil

ABSTRACT

The paper analyses the significance of the Liberal Institute for the consolidation of neoliberalism in Brazil. First, important concepts are discussed to understand neoliberalism and the performance of pro-market think tanks, then the initiatives that sought to found a neoliberal institute in Brazil and the result that was successful with the Liberal Institute in 1983 are presented. A second moment presents the main founders of the center, their objectives with the institute and their business and political connections. Finally, the intellectuals responsible for the theoretical structure of the institute and for its publications are analyzed. The Liberal Institut played a central role in the dissemination of the free market and in the fabrication of a consensus favorable to neoliberalism in Brazil.

Keywords: Think tank, Neoliberalism, Liberal Institut, Brazil

Introdução

Os anos que marcaram a redemocratização do Brasil e dos demais países da América Latina contaram com a rearticulação das direitas políticas. Uma parte significativa dessas direitas vai se afastar discursivamente dos legados ditatoriais e se apresentar com uma roupagem democrática, respeitando o processo eleitoral, os direitos constitucionais e adotando o neoliberalismo como modelo político-econômico. Essa remodelagem foi conceituada, por diversos autores¹, como

¹ Franz Hinkelammert, «Democracia y nueva derecha en América Latina», *Nueva Sociedad* 98, (1988): 104-115; Sergio Morresi, *La nueva derecha argentina: la democracia sin política* (Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008); Verónica Giordano, «¿Qué hay de nuevo en las “nuevas derechas”?», *Nueva Sociedad* 254 (2014): 46-56.

constituente de uma “nova direita”, a qual tem seu início nos primeiros anos de 1980 e apresenta modificação em seus discursos e ações na primeira década do século XXI, quando são utilizados novos tipos de golpes, para retirar do poder governantes de esquerda e centro esquerda, a exemplo do que ocorreu em Honduras (2009), no Paraguai (2012) e no Brasil (2016). Nessas recentes deposições políticas, as direitas novamente rearticularam seus argumentos/sua linguagem para justificar e enquadrar, dentro de um marco legal, as rupturas democráticas.

As atuações dos diferentes grupos políticos, aqui particularmente as direitas brasileiras, vão se modificando de acordo com o contexto vivido e com os interesses em jogo. No final da ditadura civil-militar (1964-1985), as direitas, em sua maioria, buscaram se enquadrar em novos partidos políticos, reestruturar suas associações de classe e fundar institutos privados de pesquisa para lançar-se na conquista de novos adeptos a seus projetos sociais, que nesse período se estruturava na defesa de uma democracia instrumental², na “modernização” econômica e no ataque ao Estado enquanto promotor de bem-estar social.

Nessa perspectiva, esse artigo vai analisar um segmento da nova direita brasileira concentrada em um *think tank* neoliberal - o Instituto Liberal – no período compreendido entre as décadas de 1980 e 1990, anos que marcaram o primeiro ciclo de implantação sistemática das políticas de livre mercado no Brasil. Assim, busca-se nesse texto, debater as tentativas de criar um TT neoliberal no Brasil e sua efetivação em 1983, analisar os indivíduos que foram responsáveis por idealizar e dirigir esse instituto, assim como apresentar o núcleo central de seu corpo intelectual, discutindo que perspectivas esse grupo tinha em relação a aplicação do livre mercado no Brasil e como o compreendiam. Com isso, o texto visa problematizar as relações existentes entre o grupo fundador do Instituto Liberal e suas conexões com o mundo dos negócios e com os TTs internacionais, bem como compreender os sujeitos que estruturaram conceitualmente os princípios norteadores e as publicações do IL, apresentando sua base intelectual e o entendimento que esses tinham do Brasil dos anos 1980 e 1990. Busca-se, portanto, analisar o papel que esse instituto ocupou na divulgação do neoliberalismo e na fabricação um consenso favorável a implantação de políticas pró-mercado no país.

Os *think tanks* (TTs) se converteram em um componente central no panorama político dos países ocidentais, tendo como propósito fazer com que o conhecimento e a *expertise* produzida por eles influenciem no processo de criação de políticas públicas e na elaboração de pautas

² De acordo com Franz Hinkelammert, a partir das redemocratizações na América Latina, as direitas passaram a defender uma democracia “instrumental”, marcada pela implantação de um pacote de medidas institucionais, que se caracterizaram pela “totalización del mercado, que es declarado productor de libertad, el control de los medios de comunicación por la propiedad privada y la introducción de algún sistema de elecciones”. Hinkelammert, «Democracia y nueva derecha en América Latina», 108.

políticas-econômicas³. Os TTs neoliberais se estruturam em redes regionais e globais, formulando alianças entre diferentes centros de pesquisa e intelectuais que possam sustentar e promover suas posições ideológicas⁴. Definidos por McGann⁵ como *advocacy tanks* - centros que se dedicam a defender e difundir uma causa ou ideologia específica - promovem ideias de direita, conservadoras e neoliberais, trocam informações sobre economia e política, difundem produções de seus membros, formulam projetos políticos e financiam atividades de outros centros de pesquisa, entre outras ações.

Os TTs do Brasil e de muitos países da América Latina foram arquitetados por empresários, diferentemente da maioria dos centros norte-americanos e europeus, que foram desenvolvidos por iniciativa de intelectuais. Esses homens de negócios afirmavam que pela escassez de pensadores liberais em seus países, caberia a eles a iniciativa de construir TTs para promover tanto a formação de novos neoliberais, fossem eles acadêmicos ou do mundo dos negócios, como elaborar um aporte ideológico que desse sustentação conceitual ao grupo.

O neoliberalismo se constituiu como a última fase do capitalismo e sua etapa superior⁶. Ele vai produzir uma mudança no funcionamento do capitalismo, alterando o exercício do poder governamental e elaborando uma nova racionalidade política e social articulada à globalização e à financeirização. “Não estamos lidando com uma simples retirada de cena do Estado, mas com um reengajamento político do Estado sobre novas bases, novos métodos, novos objetivos”⁷. Essa mudança vai contar com uma ativa promoção, realizada dentro do Estado, dos princípios do livre mercado e da concorrência⁸, reconstituindo o significado da democracia liberal. A readequação da democracia deveria “retirar a economia de todos os processos de decisão democrática, tornando a eficiência econômica seu objetivo final e subordinando a política aos

³ James McGann, Kent Weaver, eds., *Think tanks e civil societies: catalysts for ideas and action* (New Brunswick: Transaction Publishers, 2000); Carlos Acuña, *Enseñanzas, mitos y realidades de la coordinación entre la sociedad civil y el Estado en América Latina* (Salvador: XIV CLAD, 2009), 1-32.

⁴ Três TTs se destacam como produtores e divulgadores das ideias neoliberais em escala mundial, são elas, a *Sociedade Mont Pèlerin*, a *Atlas Economic Research Foundation* (*Atlas*) e o *Institute of Economic Affairs* (*IEA*). Para a América Latina, se destacam a *Atlas*, a *Hispanic American Center for Economic Research* (*Hacer*) e a *Red Liberal para América Latina* (*RELIAL*). Karin Fischer, Dieter Plehwe, «La formación de la sociedad civil neoliberal en América Latina: redes de *think tanks* e intelectuales de la nueva derecha», em *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamiento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez (São Leopoldo: Oikos, 2013), 58-78; Daniel Mato, «Think Tanks, fundaciones y profesionales en la promoción de ideas (neo)liberales en América Latina», em *Cultura y Neoliberalismo*, ed. por Alejandro Grimson (Buenos Aires: CLACSO, 2007), 19-42.

⁵ McGann, Weaver, *Think tanks e civil societies...*

⁶ José Francisco Puello-Socarrás, «Ocho tesis sobre el Neoliberalismo (1973-2013)». In: *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamiento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez (São Leopoldo: Oikos, 2013), 13-57.

⁷ Pierre Dardot, Christian Laval, *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal* (São Paulo: Boitempo, 2016), 190.

⁸ Sean Phelan; Simon Dawes, «Liberalism and Neoliberalism», *Oxford Research Encyclopedia of Communication* (2018): 1-37.

‘supostos imperativos técnicos da economia’⁹. Assim, os interesses do mercado estariam acima dos interesses coletivos e do bem-estar social.

O neoliberalismo representa assim, um projeto político e cultural que ultrapassa as meras pretensões econômicas e vai se constituir, de acordo com Dardot e Laval¹⁰, como uma “nova razão de mundo”, por essa, os sujeitos, a partir de dispositivos de disciplina, coação e convencimento, internalizam os preceitos neoliberais, os quais vão gerando uma mudança de comportamento social. Essa nova racionalidade visa expandir a lógica do mercado para todas as esferas da vida social, esperando que essa seja conduzida pela lógica do individualismo, da competição e da concorrência.

Mirowski e Plehwe¹¹ também defendem que o neoliberalismo é uma ideologia que busca transformar a sociedade em um modelo de mercado completo, no qual todas as esferas da vida seriam reguladas pelo mercado e pela competição. Para os autores, o neoliberalismo não é apenas uma teoria econômica ou uma política pública específica, mas uma forma de raciocínio que se infiltra em todos os aspectos da vida social e um projeto político que visa remodelar a sociedade.

O neoliberalismo vai ser apropriado de formas distintas em diferentes sociedades, podendo utilizar-se de mais ou menos Estado para isso, assim como pode comportar diversos discursos em sua estratégia de legitimação, como o anticomunista, o religioso, o nacionalista e o antipopulista¹². Outra vinculação importante do neoliberalismo é com os governos e projetos autoritários, pois seus teóricos afirmam que o livre mercado conduziria automaticamente a sociedade para a democracia política. Assim, defendem a intervenção na democracia quando essa se torna iliberal, “justificando a instauração de regimes autoritários que tenham como objetivo restabelecer o livre mercado, considerado como o instrumento que trará novamente a liberdade a longo prazo”¹³.

As teorias de Friedrich Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedman já circulavam no Brasil, entre uma direita conservadora formada principalmente por empresários e intelectuais, desde os anos 1950 e 1960. Hernán Ramírez¹⁴ salienta que o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

⁹ Norbert Lechner, «The Transformation of Politics», en *Fault Lines of Democracy in post-transition in Latin America*, ed. por Felipe Agüero, Jeffrey Starke (Miami: North-South Center Press, 1998), 29.

¹⁰ Dardot, Laval, *A nova razão do mundo...*

¹¹ Dieter Plehwe, Philip Mirowski, eds., *The Road from Mont Pèlerin. The Making of Neoliberal Thought Collective*. (Cambridge, Harvard University Press, 2009).

¹² Hernán Ramírez, «El neoliberalismo em perspectiva conosureña de largo plazo», en *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez (São Leopoldo: Oikos, 2013).

¹³ Hernán Ramírez, «A simbiose neoliberal-autoritária: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do Cone Sul da América Latina», en *História, democracia & desigualdades na América Latina*, ed. por Marluza Harres et.al. (São Leopoldo: Oikos; 2022): 124.

¹⁴ Ramírez, «A simbiose neoliberal-autoritária: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do Cone Sul da América Latina», 121.

(IPES)¹⁵, criado em 1961 já propagava o pensamento neoliberal para o Brasil e que a ditadura civil-militar iniciada em 1964 adotou políticas de livre mercado desde seu princípio. “Assim, antes de se constituírem hegemônicas nas décadas de 1980 e 1990, essa etapa foi decisiva para firmar a estrutura que lhe garantiu sua primazia”¹⁶. A adoção dos empresários brasileiros ao neoliberalismo foi um processo lento, que se gestou entre o final da década de 1970 e os anos de 1980¹⁷ e se consolidou na década de 1990, momento que representou “um importante ponto de inflexão na trajetória do capitalismo brasileiro”¹⁸, pois nesse período ocorreu a ruptura com o nacional-desenvolvimentismo e o questionamento mais sistemático do teor estatista desse.

A partir da redemocratização, os empresários brasileiros tiveram que reelaborar suas formas de interação com o Estado, pois a convivência com novas realidades políticas e diferentes sujeitos sociais, levaram os executivos a “atuar e a veicular de forma direta e aberta um conjunto de posicionamentos e demandas através da grande imprensa e nos meios de comunicação em geral”¹⁹. Esses sujeitos redefiniram suas ações no campo corporativo e político, buscando constituir uma identidade de grupo, “em muitas ocasiões, é esse discurso que influencia (ou determina) a agenda política, aquilo que pode e deve ser discutido prioritariamente”²⁰.

Nesse sentido o Instituto Liberal (IL) se constituiu em um espaço de concentração de empresários, e alguns outros profissionais, que buscavam defender seus interesses para além do campo partidário e sindical. Organizar-se em um TT era uma oportunidade de difundir suas concepções de mundo de dentro de uma instituição que passava uma ideia de neutralidade e distância de interesses corporativos. A partir de meados do século XX, os TTs foram, em nível mundial, progressivamente inclinando-se para a difusão de determinadas ideologias e para o marketing de ideias, defendendo interesses específicos, de acordo com o grupo que os dirige e financia²¹.

Dentro dessa perspectiva, analisa-se nesse texto, o IL, o qual se dedicou a produzir e divulgar incessantemente a ideologia neoliberal, atuando em duas frentes principais. A primeira se

¹⁵ Os IPES foram TTs, com sede em vários estados do Brasil, que atuaram ativamente para desestabilizar o governo do presidente João Goulart (1961-1964) e deflagrar o golpe civil-militar de 1964; a partir dele os IPES foram responsáveis pela elaboração de projetos políticos e econômicos da ditadura. Hernán Ramírez, «Institutos de Estudos Econômicos de Organizações Empresariais e sua Relação com o Estado em Perspectiva Comparada: Argentina e Brasil, 1961-1996», *Anos 90*, nº 13 (2006): 179-204.

¹⁶ Ramírez, «A simbiose neoliberal-autoritária: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do Cone Sul da América Latina», 123.

¹⁷ Denise Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República* (Porto Alegre: FEE, 2003),14; Eli Diniz, *Empresariado industrial, representação de interesses e ação política: trajetória histórica e novas configurações, Política & Sociedade*, nº 9 (2010): 101-139.

¹⁸ Diniz, *Empresariado industrial, representação de interesses e ação política...*107.

¹⁹ Ary Cesar Minella, «O discurso empresarial no Brasil: com a palavra os senhores banqueiros», *Ensaio, FEE* 15 (1994): 505.

²⁰ *Ibidem*, 506.

²¹ Andrew Rich, *Think tanks, public policies and politics of expertise* (New York: Cambridge University Press, 2004).

constituiu na tradução, edição e publicação de livros, revistas e cartilhas de literatura liberal e neoliberal, bem como na produção de materiais didáticos que pudessem auxiliar a instrução ideológica de seus pares e dos meios formadores de opinião. Outra estratégia de circulação dos ideais do livre mercado se concentrou na organização de diferentes tipos de eventos, realizadas em todo o país, como conferências, seminários e cursos de formação, que visavam influenciar um público estratégico e formador de opinião, como políticos, jornalistas, empresários, militares, professores universitários, e intelectuais de modo geral²².

A literatura produzida sobre o Instituto Liberal vem aumentando nos últimos anos. O primeiro trabalho de destaque sobre ele foi produzido pela socióloga Denise Gros²³ (2003), a qual destacou que o instituto desempenhou (e segue desempenhando) papel preponderante para a disseminação das ideias neoliberais no Brasil, especialmente entre os círculos empresariais e políticos, buscando a doutrinação ideológica de seus pares e a formulação de projetos de políticas públicas. Segundo Gros, o objetivo do IL não se limitava à defesa de seus interesses econômicos, visando também estabelecer uma hegemonia burguesa no Brasil e disseminar uma concepção de mundo que tornasse os princípios do livre mercado como ideologia predominante. A tese de Gros é notável não apenas por ser uma pesquisa pioneira sobre o tema, mas também pela quantidade de fontes apresentadas sobre o IL. Destaca-se que os trabalhos posteriores da autora tiveram como fontes centrais um conjunto de documentos parecidos com aqueles analisados por Gros. Isso se deve, em grande parte, pelo fato da documentação estar concentrada em um acervo privado, vinculado a instituição, assim, os documentos disponibilizados para os pesquisadores fazem parte das tiragens públicas do IL, ou seja, o acervo de revistas, livros, cartilhas, etc. Enquanto outras fontes, que possam apresentar dados administrativos, econômicos e de funcionamento interno do centro não são de livre acesso, na verdade, não há dados que informem se esses documentos foram organizados e armazenados pelo instituto. Novas fontes são, até o momento, de difícil acesso, isso não significa que os trabalhos posteriores aos de Gros (dos quais o meu se encontra) necessariamente se repetem, pois o material publicado pelo IL é bastante extenso, tem diferentes formatos, níveis de discussão, públicos de destino, entre outros, abrindo uma gama de possibilidades para investigações atuais e futuras.

²² Nos primeiros dez anos do instituto foram realizados mais de 500 eventos, dos quais participaram mais de 171 palestrantes diferentes.

²³ Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo...*

Outros trabalhos de destaque são os trabalhos do historiador Flávio Casimiro (2011, 2016)²⁴ e as teses de doutorado de Gabriel Onofre²⁵ (2018) e da cientista política Camila Rocha (2018)²⁶. Casimiro na mesma linha teórica de Gros, seguindo as problemáticas apresentadas por Gramsci, interpreta o IL como um aparelho privado de hegemonia, que busca efetivar a dominação burguesa no Brasil. O autor argumenta que o Instituto Liberal passou por duas fases distintas: nos anos de 1980, adotou uma postura mais defensiva em seus discursos, enquanto na década seguinte assumiu uma abordagem mais ativa e propositiva. Casimiro realizou entrevistas com membros proeminentes do Instituto Liberal, especificamente os intelectuais orgânicos ligados ao instituto. Onofre por sua vez, abordou a disseminação das ideias liberais no Brasil e nos Estados Unidos durante a segunda metade do século XX, examinando a conexão entre dois think tanks norte-americanos - Liberty Fund e Atlas Foundation - com os Institutos Liberais do Brasil. Para o historiador, "o Instituto Liberal foi um agente proeminente na condução do país em direção a um programa econômico liberal"²⁷. Já Rocha, partiu do IL para compreender a ascensão das direitas políticas no Brasil atual, a autora realizou diversas entrevistas com ex membros do IL e de outros institutos pró mercado para estabelecer o que nomeou de nova direita brasileira, a qual teria se organizado a partir de grupos de discussão e militância na internet durante o auge do lulismo, entre 2006 e 2010. Além desses, outros trabalhos acadêmicos passaram a dar destaque a atuação de TTs e grupos de direitas, a partir de meados de 2010, devido a influência que esses movimentos adquiriram no Brasil, buscando pautar os debates públicos sobre política, economia e moral, a exemplo de abordagens sobre o Instituto Millenium, o Brasil Paralelo, o Movimento Brasil Livre, entre outros.

Nesse escopo, meu trabalho²⁸ concluído na mesma conjuntura e período dos apresentados anteriormente, analisou em perspectiva comparada a atuação política de *think tanks* do Brasil e da Argentina, do período da redemocratização desses países, até o final da década de 1990. Para o Brasil, foram analisados o Instituto Liberal (IL) e o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), e para a Argentina o Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina (IDEA). A tese foi estruturada em três blocos centrais compreendendo quais grupos sociais e econômicos faziam parte desses TTs; quais linhas teóricas eles seguiam e como articulavam esses conceitos com as realidades nacionais para projetar publicamente seus institutos; e como atuavam social e

²⁴ Flávio Casimiro, *A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983 - 1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal* (São João Del Rei: UFJS, 2011); Flávio Casimiro, *A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980 - 2014)* (Niterói: UFF, 2016).

²⁵ Gabriel Onofre, *O papel de intelectuais e think tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX* (Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018).

²⁶ Camila Rocha, *"Menos marx, mais Mises": Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)* (São Paulo: USP, 2018).

²⁷ Onofre, *O papel de intelectuais e think tanks...*,331.

²⁸ Lidiane Friderichs, *A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos: os casos do Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais e do Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina (1983-1998)* (São Leopoldo: UNISINOS, 2019).

politicamente. A análise foi realizada a partir dos debates conceituais acerca das direitas e novas direitas políticas, do entendimento do neoliberalismo para além de sua estrutura econômica e da compreensão do papel dos think tanks na sociedade contemporânea. Assim, o trabalho analisou o IL de forma comparada com outros TTs neoliberais, tanto do Brasil como da Argentina, apontando diferenças e similaridades entre seus projetos e atuações, bem como buscou mobilizar um debate teórico que imbricasse e problematizasse a complexidade do neoliberalismo, das direitas e dos think tanks.

Fundar um TT neoliberal no Brasil, tentativas e acertos: a estruturação do Instituto Liberal

O empresário e proprietário da construtora Ecisa, Donald Stewart Jr (1931-1999)²⁹, se configura como o principal responsável pela criação do IL e um importante ativista liberal brasileiro. Influenciado pela leitura das obras de Friedrich Hayek, pela atuação do empresário britânico Antony Fisher (fundador de dois importantes TTs neoliberais, o *Atlas Economic Research Foundation* (Atlas) dos Estados Unidos e o *Institute of Economic Affairs* (IEA) da Inglaterra), e após participar de duas conferências realizadas por Hayek em São Paulo, Stewart Jr decidiu organizar um TT para divulgar o livre mercado para o Brasil.

O Instituto Liberal (IL), foi fundado no Rio de Janeiro em 1983 e tinha como objetivo central se constituir como um centro de pesquisa, produção e divulgação do neoliberalismo para o país, o qual pudesse influenciar os rumos políticos, econômicos e culturais da sociedade³⁰. A fundação do IL rendeu a Stewart Jr. reconhecimento internacional dentro de TTs e círculos liberais, sendo admitido como membro da *Sociedade Mont Pèlerin*, do *Cato Institute*, da *Heritage Foundation*, da *Atlas Foundation*, do *Fraser Institute*, do *Liberty Fund* e do *Institute of Economic Affairs*, além de manter relações com instituições liberais latino-americanas na Argentina, Chile, Peru, Venezuela, México e Guatemala³¹.

De acordo com uma entrevista realizada pelo canal *Instituto Ludwig von Mises Brasil*³², a primeira ideia de fundar um TT neoliberal no país partiu do economista José Stelle³³, um dos pioneiros tradutores da obra de Hayek para o Brasil, no início de 1980. Stelle teria primeiramente procurado ajuda do empresário Paulo Ayres Filho, que havia participado da fundação do IPES e

²⁹ Filho de canadenses, que emigraram para o Brasil na primeiras décadas do século XX, foi engenheiro civil e dono da construtora Ecisa (Companhia de Engenharia, Comércio e Indústria S.A.), responsável pela construção de obras portuárias, metroviárias e pioneira na construção de *shoppings centers* no país.

³⁰ Instituto Liberal, (Rio de Janeiro: ILRJ, 1988)

³¹ Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo...*,103.

³²Instituto Ludwig Von Mises Brasil, entrevista com José Stelle, 2014. Link: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=327>. Acesso em: 20 jul. 2018.

³³ Stelle, radicado nos Estados Unidos, desde 1985, foi tradutor e editor de opinião da revista *Visão*; cofundador do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e coordenador da publicação de algumas das principais obras de F. Hayek, no Brasil. Stelle se graduou em Economia nos EUA, na década de 1970, local onde teve contato com as obras dos neoliberais Ayn Rand, Hayek, Mises, entre outros.

era um conhecido neoliberal. Ayers Filho não apoiou Stelle em sua empreitada, no entanto, o indicou ao empresário, também neoliberal, Henry Maksoud. Sua tentativa mais uma vez foi frustrada, Maksoud “ofereceu-lhe apenas uma posição como tradutor e redator da revista *Visão*, que, a seu ver, poderia exercer mais influência no Brasil do que o pretendido instituto. Desapontado, Stelle aceitou a oferta, e logo iniciou seus trabalhos como redator de *Visão*”³⁴. Stelle ainda procurou outros empresários na tentativa de criar um TT pró-mercado, mas foi apenas em 1982 que viu sua ideia tomar corpo quando recebeu de Stewart Jr. o convite de traduzir a obra “Direito, legislação e liberdade” de Hayek.

Foi Stelle quem sugeriu a Stewart Jr. o nome Instituto Liberal³⁵ e apresentou a ele o professor Og Leme, que vai se tornar o principal intelectual do instituto. Stelle, por não conseguir de Stewart um papel de destaque dentro do IL e tendo que atuar como subordinado às ordens do Conselho de Mantenedores, rompe com esse e abandona o instituto apenas um ano após sua criação, mudando-se em seguida para os EUA³⁶. De acordo com Stelle, Stewart queria controlar todas as ações do instituto e tinha resistência às metodologias propostas por ele, querendo conquistar o apoio dos ricos e empresários primeiro e da população depois. Já Stelle, que conhecia os métodos dos TTs norte-americanos, achava que deveria ser feito um plano mais abrangente, com diversos seminários voltados a públicos formadores de opinião e não apenas ao mundo dos negócios. Assim, por uma falta de sintonia e talvez porque Stelle tinha muitas ambições dentro do IL, não aceitando um lugar secundário, acabou se desligando do mesmo.

Outra iniciativa de tentar fundar um TT neoliberal no Brasil veio do empresário Nanhum Manela, surgida numa das viagens de Hayek ao país, quando “empresários e intelectuais brasileiros aproximaram-se do Prêmio Nobel com o objetivo de conseguir orientação e ajuda para desenvolver iniciativas a favor da disseminação das ideias liberais no país”³⁷. Hayek, então, indica Anthony Fisher para ser o interlocutor dos brasileiros na *Mont Pèlerin* e para ajudá-los a construir um TT. Os primeiros nomes a contatar Fisher foram Manela e Stelle, os quais “escreveram para Fisher em busca de conselhos, contatos, expertise e apoio financeiro para sua tentativa de fundar um instituto em São Paulo”³⁸.

Fisher faz um passo a passo das iniciativas necessárias para criar um *think tank*. Segundo ele, para a organização de um instituto desse tipo, seria necessário, a priori, buscar o apoio de empresários e intelectuais. Os primeiros constituiriam um grupo de mantenedores, capazes de dar apoio financeiro e prover a estrutura legal e

³⁴ Camila Rocha, «O papel dos *think tanks* pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil», *Millcayac*, nº 7 (2017):103.

³⁵ O que mais tarde Stewart Jr. percebeu ter sido um erro, porque, segundo ele, o nome do instituto deveria ser neutro para não entregar de princípio a ideia que queria passar.

³⁶ Instituto Ludwig Von Mises Brasil, entrevista com José Stelle...,2018.

³⁷ Gabriel Onofre, *O papel de intelectuais e think tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX* (Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018), 283.

³⁸ Idem.

administrativa da organização. Já os intelectuais, integrariam o que ele chamou de *Academic Advisory Board*. Conseguir o apoio desse grupo seria, para o britânico, a principal dificuldade para a formação do instituto³⁹

Manela tentou fundar o Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais (IBEPES), procurando Paulo Ayres para dirigir o instituto, o qual acabou desistindo do projeto, por não conseguir financiamento suficiente para abri-lo. De acordo com Onofre⁴⁰, Fisher trocou várias correspondências com Stelle incentivando-o a não desistir do projeto, afirmando que São Paulo e Rio de Janeiro precisavam de instituições no formato do IEA que fomentassem publicações sobre a estrutura econômica e social do país, as quais deveriam ser escritas por intelectuais especializados no assunto. Essa seria, para Fisher, “a melhor e mais econômica estratégia de promoção dos valores do liberalismo”⁴¹. Fischer afirmou não poder, naquele momento, investir dinheiro na criação de um instituto no Brasil, mas se prontificou a procurar pessoas que pudessem auxiliar na construção de um TT em São Paulo.

Logo após a elaboração do relatório, no início de 1983, Fisher viajou ao Brasil para se encontrar com Nanhum Manella e Og Leme, economista formado pela Escola de Chicago que auxiliava o empresário na formação do think tank. Durante os dias em que ficou no país, Fisher reuniu-se com grupos de empresários e estudantes interessados em divulgar as ideias do liberalismo econômico no país. Nos encontros buscava atrair apoio para a investida do dono da rede DeMillus. Mas, no final do ano, no relatório do Atlas, a organização de Nanhum Manela já constava como inativa⁴².

Nesse mesmo ano, a iniciativa de Stewart teria sucesso, o que foi comemorado por Fisher, que se aproximou dele e de Stelle para auxiliar na fundação do Instituto Liberal, proporcionando contatos com TTs dos EUA e da Inglaterra que ofereceriam suporte para a estruturação do mesmo. “Fisher apontou novamente para o que entendia ser a grande dificuldade do projeto: conseguir apoio dos intelectuais brasileiros. A experiência de Manela, na sua avaliação, havia fracassado por isso”⁴³. Pois, sem o suporte dos meios acadêmicos, o instituto não conseguiria elaborar estudos intelectualmente consistentes.

O contato com Antony Fisher proporcionou que o IL integrasse a rede Atlas desde sua fundação, a qual deu suporte às suas atividades e colaborou com o *know how* necessário para sua consolidação. “A ajuda do presidente do IEA dava-se em três frentes: fornecendo expertise e logística, aproximando o IL dos outros *think tanks* e o apoiando com recursos e publicações”⁴⁴. O Atlas custeou uma série de iniciativas do IL, principalmente a publicação de livros e artigos em português, assim como financiou cursos superiores a estudantes brasileiros nos EUA.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ibidem, 285.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Ibidem, 286.

⁴⁴ Ibidem, 287.

Dentro da perspectiva de compreender quem foram os protagonistas da difusão do livre mercado para o Brasil destaca-se a ligação entre dois empresários liberais brasileiros, o fundador do IL, Donald Stewart Jr e Henry Maksoud. O engenheiro civil Henry Maksoud (1929-2014) era proprietário da empreiteira Hidroservice (maior empresa de projetos de engenharia durante a ditadura civil-militar), do hotel de luxo Maksoud Plaza e do grupo editorial Visão, além de ser um ativo divulgador das ideias de livre mercado no Brasil. Stewart Jr. e Maksoud eram parceiros de negócios, a Ecisa construía obras projetadas pela Hidroservice, e muitas das atividades do IL eram realizadas no hotel Maksoud em São Paulo.

Enquanto proprietário da Editora *Visão*, Maksoud publicava textos de Hayek, Friedman e Rothbard, sendo um dos precursores na divulgação desses autores no Brasil. A revista *Visão* e em especial os editoriais escritos por Maksoud ficaram conhecidos por sua defesa apaixonada ao livre mercado. Ele também financiou a primeira tradução de Hayek para o Brasil, do livro “Fundamentos da Liberdade”, feita por Stelle, e escreveu livros de sua autoria sobre neoliberalismo, publicados pela sua editora.

Maksoud foi responsável e financiou as três vindas de Hayek para o Brasil, entre 1976 a 1981, com o propósito de divulgar os livros e as ideias desse intelectual para o país e em especial para os círculos acadêmicos. O empresário brasileiro era um grande admirador de Hayek e acabou amigo do economista austríaco, quando ingressou na Sociedade Mont Pèlerin. As conferências de Hayek passaram por São Paulo (no Maksoud Plaza), Rio de Janeiro (na Fundação Getúlio Vargas), Brasília (na Universidade de Brasília) e em Santa Maria (na Universidade Federal de Santa Maria). Stewart Jr. participou de duas conferências do austríaco em São Paulo e foi a partir desses encontros que, segundo Onofre⁴⁵, ele decidiu organizar um TT para propagar o neoliberalismo para o Brasil.

Maksoud também buscou influenciar a elaboração da última Constituição Brasileira produzida após a abertura democrática, apresentando no âmbito da Assembleia Nacional Constituinte em 1987 uma proposta para essa, baseada nas teorias de Hayek, a qual, no entanto, não foi aceita pelos constituintes. O empresário comprou um horário na tevê Bandeirantes, em 1988, e passou a apresentar o programa “Henry Maksoud e você” no intuito de divulgar o neoliberalismo para o público brasileiro. Esse teve aproximadamente 170 edições no qual “o apresentador não apenas divulgava as ideias falando diretamente para os telespectadores, mas também entrevistava personalidades se valendo de um corpo-a-corpo por trás das câmeras procurando influenciar as pessoas de modo mais direto a aderirem ao ideário pró-mercado”⁴⁶.

A partir desse histórico sobre as tentativas de criar um TT neoliberal no Brasil e sua concretização em 1983, foi possível perceber a atuação de diferentes atores entre intelectuais e

⁴⁵ Ibidem, 294.

⁴⁶ Rocha, «O papel dos *think tanks* pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil», 105.

empresários para a elaboração de um projeto consistente que pudesse angariar apoiadores e financiadores para a fundação de um centro de pensamento. Também se observou que alguns indivíduos abertamente neoliberais e que tinham tanto conexões entre o mundo acadêmico e dos negócios, como condições financeiras para fundá-los e angariar apoiadores não acreditavam que um TT seria uma aposta confiável para difundir suas ideologias. Assim, a efetivação do IL se realizou a partir dessas tentativas e numa conjuntura que incluiu tanto indivíduos dispostos a levar adiante o projeto, como o suporte dado por TTs internacionais que ajudaram a estruturação do instituto.

Criado por um grupo de empresários e intelectuais e financiado por grandes empresas⁴⁷, a ação dos Institutos Liberais foi direcionada aos segmentos dominantes da sociedade e aos políticos, para a divulgar o liberalismo e promover as suas propostas de políticas públicas⁴⁸. Rapidamente o IL abriu filiais em vários Estados buscando aproximar o neoliberalismo de destacados homens de negócios das diversas regiões do Brasil. Stewart Jr. solicitou aos membros fundadores do IL que organizassem ramificações do instituto em seus Estados, para favorecer uma aproximação mais direta entre apoiadores e financiadores dos centros liberais, assim, foram abertas filiais em São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e Recife, as quais deveriam manter o mesmo propósito e visão de mundo da sede, que passou a se chamar Instituto Liberal Rio de Janeiro (ILRJ). De forma geral se optou, nesse artigo, por manter a escrita “IL” quando os dados abrangem todos os institutos (ou seja, ações e publicações lançadas na sede e espalhadas para os demais centros) e somente incluir a sigla dos Estados quando se trata de ações específicas das filiais. Desses, os mais ativos, além do ILRJ, foram o Instituto Liberal de São Paulo (ILSP) criado em 1987, por Roberto Konder Bornhausen e o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul (ILRS) criado por Winston Ling em 1986⁴⁹.

A produção escrita dos Institutos Liberais se concentrava nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde residiam e trabalhavam seus principais pensadores, e desses centros era distribuída para as demais filiais. Seus textos eram difundidos para um público amplo, desde seus mantenedores, associados e entidades empresariais, até instituições educacionais, bibliotecas, associações comerciais, mídia e universidades. De acordo com Denise Gros⁵⁰, a forma mais direta de divulgação utilizada pelo IL foram os boletins informativos, enviados mensalmente para seu

⁴⁷ Na década de 1990, o IL contava com mais de 200 empresas financiadoras. Entre elas estão: Shell do Brasil, Xerox do Brasil, Hoescht do Brasil, Dow Química, Gessy Lever, Nestlé, Carrefour, Mesbla, Grupo Fenícia, Indústrias Villares, Varig, Vasp, Bradesco, Banco de Crédito Nacional, Banco Noroeste, Citibank, Unibanco, Banco de Boston, Banco Bamerindus, Banco Bozano Simonsen, Construtora Noberto Odebrecht, Ipiranga, Votorantim, Samarco Mineração, Siemens e Globo. Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo...*

⁴⁸ Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo...*

⁴⁹ Além desses três, foram fundados: o IL do Paraná por Roberto Demeterco, o IL de Minas Gerais por Sallim Mattar, o IL de Brasília por Darlam Chama, o IL de Pernambuco por Reginaldo Soares de Andrade e Petrônio Muniz e o IL da Bahia por Elias Gédéon.

⁵⁰ Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo...*, 150

público-alvo. Esses boletins de leitura rápida, geralmente continham em torno de quatro páginas, seu conteúdo era diverso e analisava problemas nacionais sob a perspectiva neoliberal ou reproduzia textos publicados em TTs internacionais, como os norte-americanos *Heritage Foundation* e *Cato Institute*.

[...] la producción social de representaciones de ideas (neo)liberales se relaciona no sólo con las prácticas de *actores sociales locales y nacionales*, sino también con las de *actores sociales transnacionales*. [...] En estos *tiempos de globalización*, los procesos de producción social de representaciones de ideas social y/o políticamente significativas, sean las (neo)liberales u otras, son procesos de construcción de *sentido*, de creación y circulación de significados, de prácticas de resignificación, en los que participan actores *nacionales y transnacionales*⁵¹.

Esses TTs estão articulados ao IL e a outras fundações brasileiras criando uma ampla rede de conexões e alianças, em defesa do neoliberalismo. Até o final da década de 1990 mais de 40 institutos mantiveram parcerias variadas com o IL, as quais compreendiam “desde a simples tradução e publicação de trabalhos desses organismos até as visitas técnicas, participação em colóquios, promoções conjuntas, etc”⁵². Através de suas publicações, o IL também divulgava as atividades dos TTs estrangeiros, informando sobre suas publicações, cursos, bolsas e prêmios.

A partir dessa primeira discussão sobre a elaboração de um TT neoliberal no Brasil, algumas considerações sobre outros TTs se faz necessária para dimensionar a importância desses institutos no mundo ocidental e não visualizar o IL de forma isolada. Os institutos neoliberais se inserem, influenciam e constroem pautas políticas e econômicas para seus países, além de análises transnacionais sobre a eficiência e a liberdade dos mercados.

Durante as décadas de 1960 e 1970, think tanks como o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) do Brasil, a Fundación de Investigaciones Económicas Latinoamericanas (FIEL) da Argentina e o Centro de Estudios Públicos (CEP) do Chile desempenharam papéis significativos na desestabilização dos governos democráticos e na criação de um ambiente propício para golpes de Estado, culminando na instauração das últimas ditaduras civil-militares nesses países. Além disso, esses TTs estiveram ativamente envolvidos na formulação dos projetos políticos e econômicos dos governos autoritários desses países. Com o advento da abertura democrática, surgiram novos institutos voltados para a promoção de novas correntes políticas de direita que emergiam nas décadas de 1980 e 1990. Nesse contexto, esses TTs começaram a se articular em torno de perspectivas que enfatizavam a defesa do livre mercado e o compromisso com uma democracia instrumental.

Para as décadas de 1980 e 1990, destacamos no Brasil a atuação do Instituto Liberal (IL) e do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), na Argentina a Fundación Libertad, e no Chile o Instituto Libertad y Desarrollo (LyD). O LyD foi criado em 1990 em Santiago, e atua propondo formas de

⁵¹ Daniel Mato, «Think Tanks, fundaciones y profesionales...», 39.

⁵² Gros, *Institutos Liberais e Neoliberalismo...*, 150.

aprimoramento da ordem liberal por meio da análise, investigação e divulgação de políticas públicas elaboradas por acadêmicos que conferem legitimidade científica às suas propostas. O instituto se projeta como uma autoridade consultiva em questões que abrangem economia, política, legislação e meio ambiente. Além disso, os intelectuais do LyD prestam assessoria a parlamentares e autoridades, participam de comissões e reuniões políticas, propondo o que chamam de “análises técnicas” do instituto. A Fundación Libertad fundada em 1988 na cidade de Rosário, tem por propósito a pesquisa e a promoção dos ideais de liberdade, seus membros mantêm forte relação com o setor empresarial, estabelecendo alianças com universidades e fundações neoliberais tanto na Argentina quanto no exterior. Além disso, possuem uma presença significativa nos meios de comunicação, contribuindo com colunas e programas próprios.

Os think tanks (TTs) mencionados têm no apoio e na promoção do neoliberalismo seu principal ponto em comum. Eles desempenham uma variedade de atividades, que vão desde a produção de materiais escritos até a organização de diversos tipos de eventos, a formulação de propostas de políticas públicas e a condução de cursos de formação para empresários e outros formadores de opinião. Os TTs neoliberais se organizam em redes que os conectam a institutos semelhantes ao redor do mundo. Essa teia global de alianças tem o propósito de fortalecer a coesão de suas ideias político-econômicas e garantir um suporte contínuo para suas posições ideológicas.

Essas redes reúnem uma série de organizações transnacionais privadas que mantêm laços com think tanks e partidos de direita locais. Elas estão engajadas em uma ofensiva ideológica em nível continental⁵³. Alguns institutos servem como centros de liderança das redes transnacionais de TTs, estabelecidas para interligar institutos de diferentes locais. Esses centros facilitam a troca de informações sobre políticas econômicas, promovem as produções de seus membros, realizam intercâmbio de palestrantes e intelectuais, fornecem financiamento para atividades de diversos TTs, auxiliam na criação e financiamento de novos centros, concedem bolsas de estudo e prêmios acadêmicos. Embora os TTs do Brasil, Chile e Argentina atuem de maneira independente, eles encontram nesses canais um suporte teórico e financeiro que lhes afere maior legitimidade na elaboração, defesa e disseminação da ideologia neoliberal.

Das redes internacionais, destaca-se três fundações que desempenham papéis proeminentes na América Latina: o Atlas Economic Research Foundation (Atlas), o Hispanic American Center for Economic Research (Hacer) e a Red Liberal para América Latina (RELIAL). O Atlas atua promovendo a criação de novos institutos, capacitando suas lideranças e conectando-os a uma rede global de colegas, abrange cerca de 450 institutos, sendo 80 latino-americanos. O Hacer

⁵³ Fischer, Plehwe, «La formación de la sociedad civil neoliberal en América Latina: redes de *think tanks* e intelectuales de la nueva derecha», 64.

concentra-se nos institutos hispano-americanos da América do Sul e do Norte, divulga suas produções e elabora propostas de políticas públicas, reunindo 105 TTs. Já a RELIAL engloba um número menor de instituições, cerca de 45, e elabora anualmente o Índice de Liberdade Econômica para a América Latina⁵⁴.

Esses institutos são veículos de promoção de ideias liberais, neoliberais, conservadoras e de direita, facilitando a cooperação e a conexão entre redes de TTs norte-americanas, latino-americanas, europeias e de outros continentes. Eles abordam uma variedade de temas na agenda das políticas públicas, incluindo educação, corrupção, saúde, direitos trabalhistas, insegurança, política social, ameaças à democracia e ao livre mercado, bem como a ascensão do “populismo de esquerda” e do intervencionismo estatal. Essa ampla gama de temáticas reflete a abordagem abrangente e multifacetada desses institutos na defesa de suas ideologias e na promoção de suas agendas políticas.

Apesar de atuar de maneira autônoma, o IL encontrou nesses canais um apoio teórico e financeiro que lhes proporcionou maior legitimidade na construção, defesa e circulação da crença neoliberal. A ideologia abrange esse poder de “unir homens que talvez tenham pouco em comum, exceto uma ideia compartilhada. A ideologia supõe a possibilidade de estabelecer poderosas afinidades, direitos e obrigações entre pessoas só ligadas por uma crença comum”⁵⁵. Diante disso, um discurso coeso (mas não necessariamente idêntico) é construído em nome do grupo e para identificar as posições políticas de seus membros, o que implicou na promoção de projetos pró-mercado e exigiu que seus filiados apoiassem ativamente a realização desses, assim como marcassem forte oposição a pessoas e propostas que contestassem a eficiência do modelo neoliberal e propusessem alternativas à ele.

O IL foi responsável, “pelo menos em parte, pela intensa mobilização que o empresariado brasileiro passou a desenvolver nos últimos anos em prol da abertura econômica, da privatização e da extinção dos monopólios estatais”⁵⁶. Esse grupo unido ideologicamente em torno do neoliberalismo delegava a Stewart Jr. uma importância ímpar, tanto como empresário, que a partir de suas conexões com o mundo empresarial e político, conseguindo atrair para o instituto inúmeras pessoas, muitas delas que num primeiro momento poderiam não se identificar com o projeto liberal, mas buscavam aproximar-se de Stewart Jr. e de sua rede, e acabaram convertidos ao livre mercado. O fundador do IL também se destacou por seu papel intelectual dentro do instituto e como ativo militante do neoliberalismo, mantendo uma expressiva produção, que contava com a escrita de livros, ensaios e artigos (publicados tanto pelo IL como em jornais nacionais) e com a realização de cursos e proferindo palestras particularmente sobre a corrente

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Alvin Gouldner, *La dialéctica de la ideología y la tecnología. Los orígenes, la gramática y el futuro de la ideología* (Madrid: Alianza Editorial, 1976), 47.

⁵⁶ Antonio Paim, *História do liberalismo brasileiro* (São Paulo: LVM, 2018), 347.

austríaca e o pensamento de Hayek de quem era seguidor. Centralizador, Stewart Jr. vai dirigir e controlar as atividades do IL do Rio de Janeiro até sua morte e junto com um conselho de diretores, estabeleceu os princípios que deveriam nortear as ações de todas as filiais, para não desarticular os objetivos e a linha ideológica do instituto

Stewart Jr. afirmava ser crítico das perspectivas estatizantes e do Estado intervencionista, entretanto, a relação desse empresário com o Estado foi mais complexa e contraditória que sua defesa ao livre mercado pode sugerir num primeiro momento. Sua empresa, a Ecisa, esteve na década de 1970, entre as 10 maiores empreiteiras de construção civil do país e participou ativamente da edificação de obras públicas, com o financiamento do Estado durante toda a ditadura civil-militar (1964-1985), tendo figurado como uma das principais empresas brasileiras a se associar com empreiteiras norte-americanas para construção de obras na região nordeste do Brasil⁵⁷. Stewart Jr. se favoreceu das políticas de Estado, que beneficiaram e protegeram o setor de construção pesada, antes de criticá-las como fonte de incompetência e corrupção⁵⁸. Da mesma forma, muitos membros do IL foram beneficiados por contratos com o Estado, antes e depois de sua adesão ao neoliberalismo.

Além de Stewart Jr., enfoca-se nesse artigo, a importância de outros dois membros fundadores do IL. Dados os limites desse texto serão abordadas apenas algumas características dos indivíduos que tiveram participação chave para criação e posterior funcionamento dos institutos e não todo o grupo que constituiu sua base inicial. Da mesma forma, no próximo tópico, quando centrarmos a atenção para seus intelectuais, abordaremos apenas alguns deles para apresentar uma amostra dos pensadores que compuseram o IL.

Empresário e um dos proprietários da empresa Petropar, Winston Ling teve sua vida marcada pela militância em prol do liberalismo. A família Ling⁵⁹ fundou e dirigiu os dois principais institutos neoliberais do Rio Grande do Sul, nos anos 1980, Winston participou da fundação do ILRJ em 1983, encabeçou a criação do ILRS em 1986 (hoje chamado Instituto Liberdade) e foi um dos idealizadores do Instituto de Estudos Empresariais (IEE) em 1984, também situado no RS e fundado por seu irmão William Ling. O IEE se constituiu como um centro de formação liberal para jovens empresários, principalmente para herdeiros de postos de comando nos negócios de suas famílias, esse instituto partilhava boa parte de seus membros com o ILRS e era um

⁵⁷ Pedro Henrique Campos, *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985* (Niterói: UFF, 2012), 512-518.

⁵⁸ Problemas com atrasos de pagamento das agências estatais e contratos que não foram cumpridos fizeram com que Stewart Jr. se afastasse dos negócios com o Estado, acirrando seu discurso crítico contra ele na transição política, quando a crise econômica se acentuou. “[...] Aquele era um momento em que alguns empreiteiros se viram marginalizados do grupo dirigente no bloco de poder, sobrepujado pelo empresariado bancário e financeiro”. Campos, *A Ditadura dos Empreiteiros...*, 158.

⁵⁹ Os irmãos Winston e William Ling são filhos de imigrantes chineses, os quais mudaram-se para o RS na década de 1950, seu pai Sheun Ming Ling é um dos pioneiros da indústria extrativista de óleo de soja no país e fundador da empresa que herdaram.

importante parceiro das atividades realizadas nos IL's⁶⁰. Além do treinamento intelectual dos jovens empresários, o IEE realiza anualmente o “Fórum da Liberdade”, um evento de debates sociais que reúne destacados nomes nacionais e internacionais do empresariado, da cultura, da economia e da política, buscando formar ou afinar conexões entre eles e debater projetos neoliberais para o Brasil⁶¹.

De acordo com os irmãos Ling's, a dificuldade inicial enfrentada pelos institutos do Rio Grande do Sul foi convencer os seus pares - os empresários - da importância de lerem os livros traduzidos pelo ILRJ. Ling, assim como Stewart Jr. salientavam a dificuldade de se constituir uma massa crítica leitora para enraizar e consolidar as propostas do livre mercado no país. Também destacavam a necessidade de incentivar a formação de intelectuais liberais para poder profissionalizar os institutos, já que os TTs criados por empresários não tinham a *expertise* necessária para produzir materiais bem fundamentados teoricamente.

A parceria com Donald Stewart Jr. foi fundamental para que atividades, como palestras e cursos de formação, realizados no Rio de Janeiro, ocorressem também no ILRS. Recentemente, Ling se envolveu nas campanhas à presidência da República de Jair Bolsonaro (2019-2022) e foi um defensor incansável de seu governo. De acordo com reportagens que saíram nos maiores jornais do país⁶², foi Winston Ling quem apresentou Paulo Guedes, o ministro da economia de 2019 a 2022 à Bolsonaro, apostando que em sua gestão o Brasil poderia se tornar uma nova China. Winston defendeu que com desregulamentação, mudança na área tributária e redução de impostos, o país poderia se equiparar ao resto do mundo.

Outro indivíduo importante para a estruturação do instituto foi o banqueiro do Unibanco, Roberto Konder Bornhausen⁶³, o qual integrou o ILRJ desde sua criação e fundou o núcleo de São Paulo, o ILSP. Além de se ocupar da direção empresarial do setor bancário e de participar de várias associações patronais, manteve uma produção intelectual bastante expressiva, elaborando artigos e análises políticas e econômicas, publicados em diversos jornais do país e nas revistas do IL⁶⁴. Para Bornhausen “a missão dos Institutos Liberais no Brasil poderia até ser resumida numa palavra: esclarecer”⁶⁵, pois para ele, as ideias liberais seriam lógicas, coerentes e visavam promover o ser humano. Dessa forma, para o banqueiro, faltava no Brasil uma educação que se concentrasse nos valores do liberalismo, pois se esse fosse debatido e analisado

⁶⁰ Friderichs, *A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos...*

⁶¹ Idem.

⁶² A exemplo dessa reportagem: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,com-plano-guedes-brasil-sera-nova-china,70002593661>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁶³ Membro de uma família de elite de SC, de políticos e banqueiros, ocupou diversos cargos dentro do IL, sendo membro da diretoria do ILSP desde sua fundação. Bornhausen também participou de várias associações enquanto representante das entidades de classe dos banqueiros. Friderichs, *A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos...*

⁶⁴ Minella, «O discurso empresarial no Brasil: com a palavra os senhores banqueiros», 516.

⁶⁵ Roberto Konder Bornhausen, «A missão dos Institutos Liberais no Brasil», *Idéias Liberais* 4 (1994): 2.

com seriedade seria aceito como solução lógica para os problemas do país e conquistaria mais adeptos⁶⁶.

Durante a Assembleia Constituinte de 1988, que elaborou a nova constituição brasileira depois da ditadura de 1964, Bornhausen fez parte de algumas associações que buscava unir empresários em torno da causa neoliberal para dar peso às propostas e demandas da classe dominante e influenciar os componentes da assembleia a aprovar uma constituição liberal para o país. A carta aprovada em 1988 ficou conhecida como constituição cidadão e foi de encontro aos interesses dos membros do IL, que passaram a efetivar duras críticas a ela. Para ele "sem livre mercado não há iniciativa privada forte, e sem esta não existe economia saudável, pelo menos enquanto se queira preservar a liberdade como valor inalienável da vida brasileira"⁶⁷.

Para Bornhausen, dirigir o ILSP na década de 1990, levando à sociedade "propostas concretas para a solução dos problemas nacionais ganha uma nova relevância em função dos acontecimentos correntes na política e econômica do país"⁶⁸. Essa citação faz referência as políticas do governo federal especificamente as administrações de Collor e Cardoso, que buscavam "modernizar" e levar a cabo as reformas econômicas e políticas que pudessem tornar o Brasil um país liberal.

No Brasil as reformas neoliberais foram justificadas pelo suposto esgotamento do Estado desenvolvimentista e do modelo de industrialização por substituição de importações, "bem como pelos imperativos de controlar a inflação, melhorar a eficiência econômica e acelerar o crescimento da produtividade"⁶⁹. As políticas pró-mercado se caracterizaram por uma combinação de ações, tais como a liberalização comercial e financeira, a privatização de empresas estatais, a redução do papel do Estado na economia, combinadas por limitadas políticas sociais, flexibilização das relações trabalhistas e aumento das desigualdades. Saad Filho argumenta que o neoliberalismo brasileiro é marcado por uma agenda social conservadora, que visa promover a disciplina e o controle social através de políticas de segurança pública e criminalização da pobreza, além de promover os interesses dos setores poderosos da sociedade brasileira contribuindo para a manutenção de um modelo econômico concentrador de renda e riqueza⁷⁰.

Instituto Liberal, seus pensadores e intelectuais

Depois de realizada essa breve análise de três fundadores dos IL's, serão apresentados os intelectuais que contribuíram para sua delimitação ideológica e que tiveram destaque nas

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Roberto Konder Bornhausen, «Estado e Iniciativa Privada» *Idéias Liberais* 20 (1996): 5.

⁶⁸ Bornhausen, «A missão dos Institutos Liberais no Brasil», 2.

⁶⁹ Alfredo Saad Filho, Lecio Morais, *Brasil: neoliberalismo versus democracia* (São Paulo: Boitempo, 2018), 95.

⁷⁰ Idem.

décadas de 1980 e 1990 produzindo materiais escritos que dessem suporte conceitual e intelectual as propostas do instituto. Stewart Jr., Ling e Bornhausen afirmavam que haviam poucos pensadores liberais no Brasil, porque suas universidades estavam contaminadas pelo pensamento marxista e keynesiano, mesmo assim, se apoiaram em um grupo expressivo de intelectuais, muitos dos quais, tinham anos de trabalho em prol da divulgação do livre mercado. Assim, pôde-se perceber que essas declarações buscavam vincular o trabalho do instituto como pioneiro e essencial para criar uma massa pró-liberal no Brasil, auto promovendo seu TT e, de certa forma, minimizando a importância de grupos e intelectuais que atuaram anteriormente.

Possuir um corpo de intelectuais vinculado ao instituto foi essencial para que o IL formulasse seus posicionamentos e embasasse teoricamente seus projetos de políticas públicas e demais produções. A estruturação teórica do TT, nas suas duas primeiras décadas de existência, ficou a cargo principalmente, dos economistas Og Francisco Leme, José Luiz Carvalho e Antônio Carlos Porto Gonçalves. Os três fizeram doutorado em Economia da Universidade de Chicago e eram seguidores da doutrina que circulava neste espaço, embora também mesclassem suas concepções com a Escola Austríaca de Economia, corrente pela qual se filiavam Stewart Jr. e outros fundadores do IL ⁷¹.

Og Francisco Leme (1923-2004), intelectual engajado⁷² com a transmissão das ideias liberais e neoliberais para o Brasil, ingressou no IL em 1983 a convite de Donald Stewart Jr. e se constituiu como seu principal intelectual, dada sua trajetória profissional e sólida formação acadêmica. De

⁷¹ A Escola Austríaca é considerada a fundadora do neoliberalismo e tem como seus principais intelectuais, Ludwig von Mises e Friedrich von Hayek. Essa passou a ter entrada na economia mundial a partir das décadas de 1970 e 1980 e tem como conceitos centrais a desigualdade natural entre os homens, a política do Estado mínimo e a mão invisível do mercado como reguladora da economia. Para Hayek, as regras do livre mercado são espontâneas e naturais, enquanto outros modelos são deliberadamente desenhados e antinaturais. Já a Escola de Chicago, cujos principais pensadores são Milton Friedman e George Stigler, estabelece que o exercício da liberdade se dá apenas nas instituições capitalistas e que as posturas socialistas são lesivas à liberdade de mercado e aos direitos civis. Dessa forma, afirmam que os gastos públicos com a proteção social resultam em inflação e danificam a base do sistema capitalista, que se baseia nos incentivos diferenciais por mérito e esforço. De acordo com Morresi, resguardadas as diferenças, os autores dessas escolas chegaram a conclusões muito parecidas, para ambos, a intervenção estatal na economia é prejudicial ao desenvolvimento econômico e à livre expressão. A principal diferença entre eles consiste em que os economistas de Chicago acreditam que há alguns tipos de intervenção são mais nocivos que outros – justificavam, por exemplo, os altos impostos para os gastos com defesa militar. Morresi, *La nueva derecha argentina...*

⁷² Por intelectual, adotamos a definição elaborada por Antonio Gramsci (2006). Gramsci defende que todo grupo social/classe possui um estrato intelectual para formular seus projetos de mundo e legitimar sua posição de classe, sendo assim os porta-vozes de seus interesses econômicos, políticos e sociais. Para o autor, “Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político”. Antonio Gramsci, *Cadernos do Cárcere* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2006), 15.

acordo com os dados divulgados no endereço eletrônico desse TT, foi em Leme que “Donald Stewart encontrou o lastro intelectual em que apoiaria o Instituto”⁷³.

Diante da articulação intelectual realizada por Og Francisco Leme, outras peças importantes passaram a compor o grupo fundador do Instituto Liberal, como foi o caso de José Luiz Carvalho e Antônio Carlos Porto Gonçalves. Convidados a fazer parte do projeto de fundação do Instituto Liberal por Og Francisco Leme, os professores José Luiz Carvalho e Antônio Carlos Porto Gonçalves representaram, assim como o próprio Og Leme, o núcleo intelectual do IL, formado pela Escola de Economia da Universidade de Chicago. Nesse sentido, podemos perceber a forte influência da instituição acadêmica estadunidense como direção intelectual e referencial teórico fundamental para a organização da ação ideológica promovida pelos intelectuais orgânicos vinculados ao Instituto⁷⁴.

Doutor em Economia pela Universidade de Chicago, professor universitário e diretor de importantes grupos empresariais, Leme ficou conhecido como um dos Chicagos Boys brasileiros. Og Leme, assim como Stewart Jr., e outros intelectuais do IL como José Luiz Carvalho integravam a Sociedade Mont Pèlerin⁷⁵, o que revela a importante conexão que esses tinham com os principais TTs neoliberais do mundo. O economista é autor dos livros “A ordem econômica” (1986) e “Entre os cupins e os homens” (1988), editados pelo IL, e de dezenas de artigos, sobre política, liberalismo, reformas constitucionais, desenvolvimento econômico, entre outros.

Como marcos importantes de sua trajetória, Leme trabalhou, no início da década de 1960 na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), nesse período, teve embates teóricos com o economista argentino Raúl Prebisch, conhecido por defender o keynesianismo econômico para a América Latina. Em 1964, integrou os quadros do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES/RJ), além de ter trabalhado na assessoria econômica do Ministro do Planejamento Roberto Campos (1964-1967), e ocupado cargos administrativos dentro dos governos militares até o início da década de 1970. Sua passagem pelo IPES e por postos burocráticos dentro dos governos militares mostram sua filiação e apoio ao golpe e à ditadura civil-militar de 1964.

Durante a década de 1990, Og Leme foi diretor dos Colóquios do *Liberty Fund* e representante desse instituto no Brasil. O TT norte-americano financiava projetos e centros de pesquisa identificados com o neoliberalismo e o conservadorismo. O *Liberty Fund*, passou a patrocinar

⁷³ Instituto Liberal, 2018. Link: <https://www.institutoliberal.org.br/biblioteca/galeria-de-autores/og-f-leme/> Acesso em 04 ago. 2018.

⁷⁴ Flávio Casimiro, *A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983 - 1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal* (São João Del Rei: UFJS, 2011), 35.

⁷⁵ O TT *Sociedade Mont Pèlerin*, se originou de um congresso de mesmo nome organizado por Friedrich Hayek em 1947 na Suíça. Nesse reuniram-se uma série de intelectuais críticos do socialismo, do Estado de bem-estar europeu e do New Deal norte-americano, para discutir o futuro do liberalismo. Esse congresso, assim com o Colóquio Walter Lippmann de 1938, são considerados os marcos iniciais do neoliberalismo. A partir de 1947, a Sociedade Mont Pèlerin, se organizou como um TT, reunindo a cada dois anos os principais pensadores neoliberais do mundo e se constituindo em um dos principais polos de produção e difusão dessa teoria no mundo.

eventos do ILRJ a partir de 1990 e do ILRS desde 1995, os eventos realizados em parceria entre os institutos tratavam de temas que abrangiam várias preocupações dos liberais, como propriedade privada, legislação ambiental, liberdade individual, democracia, livre mercado e crescimento econômico⁷⁶.

Leme foi responsável pela elaboração de uma série de produções do IL, destacando-se como autor, revisor de textos e como diretor de várias propostas editoriais do IL, como as publicações *IL Notícias, Notas, Políticas Alternativas, Ensaios & Artigos*. Leme foi responsável pela divulgação do livre mercado para “os principais centros acadêmicos, entre empresários, juristas, economistas, militares e, inclusive, no Clero brasileiro⁷⁷”, sua articulação com o mundo intelectual, também proporcionou a aproximação de outros acadêmicos liberais ao IL.

Crítico do processo da redemocratização, afirmava que o Brasil não aprendeu com as lições históricas de outros países, optando por um “ostensivo, xenófobo e provinciano fechamento econômico”⁷⁸. Para Leme, se a Constituição de 1988 cumprisse seus objetivos, conspiraria “contra o futuro das atividades empresariais privadas, contra a economia de mercado cerceando expressivamente o potencial brasileiro de crescimento econômico”⁷⁹, e tolhendo a liberdade econômica e política do país. De acordo com o autor, a popularização negativa do neoliberalismo

[...] é fruto da campanha difamatória movida internacionalmente pelos inimigos da liberdade contra a evidência histórica cada vez mais clara de que é a economia de mercado, e não o arbítrio das autoridades públicas, que leva à prosperidade; de que é a liberalização do intercâmbio internacional que gera a globalização e conduz à paz e à riqueza, e não o fechamento das fronteiras comerciais. Essas pessoas, viúvas e órfãos do socialismo/comunismo, inconformadas com as lições da história, empenham-se agora em negar os méritos da economia de mercado e denegrir o liberalismo⁸⁰ (LEME, s/d, p. 1).

Leme afirmava que as críticas ao livre mercado não se comprovavam empiricamente e eram fruto do rechaço de movimentos que haviam perdido seu espaço após o fim do socialismo russo. Para ele, “há um neoliberalismo, coerente com as idéias do liberalismo clássico do século XIX, enriquecido e ampliado do ponto de vista conceitual e enormemente fortalecido com as lições da história”⁸¹. Assim, as crises econômicas e os processos políticos que não se guiaram pelo livre mercado teriam mostrado historicamente sua falência e a superioridade do modelo liberal, mesmo que grupos vinculados a esquerda a negassem.

⁷⁶ Friderichs, *A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos...*

⁷⁷ Instituto Liberal, 2018. Link: <https://www.institutoliberal.org.br/biblioteca/galeria-de-autores/og-f-leme/> Acesso em 04 ago. 2018.

⁷⁸ Og Francisco Leme, «A Constituição e a Empresa», *Conferências do IL* 16 (1988): 10.

⁷⁹ *Ibidem*, 14.

⁸⁰ Og Francisco Leme, *Neoliberalismo* (Rio de Janeiro: Instituto Liberal, s/d), 1-7.

⁸¹ *Ibidem*, 7

De acordo como Dieter Plehwe⁸², os intelectuais neoliberais fazem parte de uma elite intelectual que promove uma agenda específica e trabalha para transformar as instituições políticas e econômicas de acordo com essa. Eles têm um papel crucial na construção de consensos em torno do neoliberalismo e são capazes de influenciar as políticas governamentais e as decisões econômicas por meio de suas conexões com instituições políticas e empresariais.

Outro intelectual de destaque no ILRJ foi José Luiz Carvalho, que ingressou no instituto a convite de Og Leme, quem conhecia da Universidade de Chicago. Carvalho atuou como professor universitário, fazia parte da diretoria do IL e do comitê editorial de algumas de suas publicações, como as revistas *Notas* e *Think tank*. Publicava críticas à Constituinte de 1988 e à ampliação dos direitos sociais, bem como artigos que relacionavam o mercado ao meio ambiente e a educação.

[...] em 1981, José Luiz Carvalho foi convidado por Og Francisco Leme, [...] para participar de um projeto de criação de um instituto que objetivava a difusão de ideias liberais no Brasil. O projeto acabou não funcionando como planejado, sendo abandonado pelos dois. Menos de dois anos depois, Og Francisco Leme faz um novo convite a José Luiz Carvalho para participar de um novo projeto, encabeçado por um empresário do ramo de engenharia chamado Donald Stewart Jr. Era o projeto de fundação do Instituto Liberal⁸³.

Outro intelectual a ingressar no IL a convite de Og Leme foi Antônio Carlos Porto Gonçalves. Gonçalves estava no 5º semestre de Engenharia quando participou de um evento promovido por Leme que objetivava recrutar estudantes para fazer pós-graduação na Universidade de Chicago, o que o levou a completar sua formação nessa instituição. Esse atuou como diretor e como consultor econômico de várias empresas e como professor universitário. De seu currículo destaca-se a participação como editor da série *Notas* do ILRJ - boletim onde se analisavam decretos e projetos de lei que estavam em evidência no cenário nacional. Esse projeto necessitou de um núcleo consistente de pensadores para dar suporte intelectual e judiciário às propostas de políticas públicas do instituto. Arthur Chagas Diniz, engenheiro e empresário, foi responsável por elaborar o planejamento de *Notas*, esse ingressou no instituto em 1988, ocupando sua vice-presidência e com a morte de Stewart Jr., em 1998, assumiu a presidência do ILRJ, na qual permaneceu até 2013.

O IL buscou influenciar os partidos de direita e de centro direita, a partir de publicações destinadas a esse campo político-partidário. O periódico mais significativo que tinha por objetivo influenciar o Congresso brasileiro na tomada de decisões, foi “Notas – Avaliação de projetos de lei”, pelo qual, o IL divulgava suas propostas de políticas públicas “sob uma ótica que prioriza o Estado de direito e a economia de mercado”⁸⁴. *Notas* começou a circular em 1991, com tiragem média de 5 mil exemplares por edição, e sob responsabilidade editorial de um conselho

⁸² Dieter Plehwe, «Introduction». In: *The Road from Mont Pèlerin. The Making of Neoliberal Thought Collective*, ed. por Dieter Plehwe, Philip Mirowski (Cambridge: Harvard University Press, 2009), 1-42.

⁸³ Casimiro, *A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983 - 1998)...*, 36.

⁸⁴ *Notas. Avaliação de projetos de Lei*. (Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1993).

integrado por economistas e professores universitários. O periódico foi organizado em convênio com o TT norte-americano *Center for International Private Enterprise* (CIPE), esse trabalha com a difusão de valores democráticos vinculados ao neoliberalismo, voltando-se principalmente para o universo empresarial e seu envolvimento na formulação e implementação de políticas públicas orientadas para o mercado⁸⁵. Com o propósito de “servir de referencial para a reavaliação de nossa Carta maior, sob a ótica liberal”⁸⁶, Notas, assim como outras publicações do IL, criticava a recém aprovada Constituição de 1988. De acordo com instituto, ela estaria na “contramão do Estado de direito e da economia de mercado, ao tornar as pessoas desiguais diante da lei e ao agredir direitos de propriedade”⁸⁷, concedendo privilégios a alguns grupos e não contribuindo para a instauração da ordem liberal. Um novo momento na política brasileira, inaugurado com os governos que aderiram as políticas de livre mercado - Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) - era visto pelo IL, como uma oportunidade para, “com mais seriedade e espírito crítico, revermos os desvios constitucionais que nos afastam do Estado de direito e da economia de mercado, que nos afastam das liberdades, direitos e responsabilidades individuais”⁸⁸.

Leme, Carvalho e Gonçalves representaram o núcleo intelectual do instituto. Os três estudaram na Universidade de Chicago, o que proporcionou a coesão intelectual que o instituto necessitava em seus primeiros anos de existência, também coordenaram os projetos responsáveis pela difusão ideológica do neoliberalismo no Brasil. Esses *experts* deram forma e embasaram os posicionamentos do instituto, mantinham uma ativa publicação de textos na área de política e economia, assim como participavam de palestras e eventos de diferentes naturezas. A maioria desses professores estava vinculada a universidades privadas do Rio de Janeiro, como a Gama Filho, a Fundação Getúlio Vargas, a Santa Úrsula e o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, as quais concentravam boa parte dos autores vinculados às teorias liberais do Brasil no período estudado.

No momento certo, todos os países tiveram seus best-sellers elogiando a revolução conservadora norte-americana e o retorno do mercado, e denunciando com veemência os custosos abusos da função pública e do “Estado de bem-estar”. Essa imensa onda de novas evidências fabricou um consentimento, se não da população, ao menos das “elites” que tinham o monopólio da palavra pública, e permitiu que aqueles que ainda ousaram opor-se fossem estigmatizados como “arcaicos”⁸⁹.

⁸⁵ Ary Cesar Minella, «Reformas políticas e econômicas: a atuação da organização norte-americana Center for International Private Enterprise (CIPE) na América Latina». In: *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez (São Leopoldo: Oikos, 2013), 79-117.

⁸⁶ Notas...,1

⁸⁷ *Ibidem*, 6.

⁸⁸ *Idem*.

⁸⁹ Dardot, Laval, *A nova razão do mundo...*, 206

A articulação entre os intelectuais pró-mercado e a massiva divulgação de suas ideias, realizada pelos TTs e pela grande mídia, foram fundamentais para legitimar socialmente as propostas neoliberais, exaltando os países que aplicaram tais políticas e os aclamando como sinônimo de modernidade e progresso, a exemplo do Chile, EUA e Inglaterra, precursores na implantação dessas políticas. Os pensadores que se concentraram no IL afirmavam que as universidades brasileiras estavam teoricamente atrasadas e impregnadas pelos autores marxistas e pelas ideias keynesianas. Em tom de crítica reiteraram a necessidade de estudar em instituições estrangeiras, em especial na Universidade de Chicago, para conhecer as obras e os autores neoliberais⁹⁰.

Outro intelectual que se destacou nas duas primeiras décadas de funcionamento do IL, foi o doutor em Economia (FGV/RJ) e professor universitário Ubiratan Jorge Lório de Souza, o qual faz parte do IL a partir no início dos anos 1990. Souza afirmou, em artigos e livros editados pelo IL, que o liberalismo deveria ser considerado um sistema econômico, mas também político e ético e defendia que as alternativas a ele eram “agressões à lógica natural que move a ação humana”⁹¹. Para Souza “as crises econômicas, a inflação, o desemprego, [...] a ignorância, à falta de saúde, a desnutrição, a fome e a miséria que degradam o homem, são efeitos inescapáveis das intervenções do Estado na ordem espontânea gerada pelo mercado livre”⁹².

A afirmação de que a intervenção do estado na economia seria responsável pelos males sociais remete aos principais pensadores do neoliberalismo, como Ludwig Von Mises e Friedrich Hayek, e acabou sendo uma das lógicas argumentativas mais usadas pelos defensores do neoliberalismo no Brasil. Em um tom de manifesto, o autor convocava todos os liberais brasileiros a escreverem mais sobre a Escola Austríaca, para ele “a melhor das vassouras para varrer o lixo keynesiano” e acabar com a herança intervencionista. O país do futuro, de acordo com o autor “exige profundas reformas institucionais, que nos transformem em uma sociedade de homens livres, isto é, em uma sociedade liberal. Em outras palavras, o país do futuro requer o liberalismo sem adjetivos”⁹³.

Souza e os demais pensadores associados ao IL fazem parte de um movimento de intelectuais que contribuíram para a conversão das mentalidades⁹⁴. Esses passaram a atacar o estado como agente de mudança e de desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que construíam a ideia do mercado como solução mágica e natural para edificar sociedade ricas e desenvolvidas.

[...] Estratégia eficaz de conversão de mentalidades que, a partir dos anos 1960 e 1970, tomou a dupla forma de uma luta ideológica contra o Estado e as políticas públicas, de um lado, e de uma apologia despudorada do

⁹⁰ Friderichs, *A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos...*

⁹¹ Ubiratan Jorge Souza, «O liberalismo sem adjetivos», *Idéias Liberais* 5 (1994): 1.

⁹² *Ibidem*, 2.

⁹³ *Idem*.

⁹⁴ Dardot, Laval, *A nova razão do mundo...*

capitalismo mais desbridado, de outro. Criou-se toda uma vulgata sobre o tema da necessária “desobrigação do Estado” e a incomparável “eficácia dos mercados”. Foi assim que, na virada dos anos 1980, o mito do mercado autorregulador pareceu estar de volta, a despeito das políticas neoliberais que visavam a uma construção mais ativa dos mercados⁹⁵

Construída academicamente e dentro dos TTs neoliberais, a concepção da desobrigação do Estado por um lado e da responsabilidade individual por outro, acabou se tornando um discurso comum e amplamente aceito. O mercado e o indivíduo, com capacidade de se autogerir, deveriam tirar do Estado a carga de provedor de suas necessidades, que passaram a ser vistas como uma conquista estritamente individual.

Mirowski⁹⁶ destaca que os neoliberais têm uma visão particular da ciência e da *expertise*, pois para eles, a economia se configura a ciência dominante que deveria ser aplicada em todos os aspectos da vida, inclusive na política e nas relações sociais, assim, ela seria a única capaz de fornecer soluções para os problemas sociais e econômicos. Para o autor, um dos princípios fundamentais do neoliberalismo se baseia na despolitização da economia, pela qual, as decisões econômicas são consideradas questões técnicas e apolíticas, e não deveriam ser objeto de debate público ou deliberação democrática.

Considerações finais

O Instituto Liberal contribuiu para construir sentidos e significados positivos em torno do neoliberalismo e de sua aplicação no Brasil, buscando pautar os debates econômicos e sociais do país. Sua influência foi expressiva devido a posição de liderança que seus membros exerciam em grandes empresas, o que acabava respaldando suas posições no panorama político. Esses homens de negócio passaram a condicionar seus investimentos na economia e na criação de empregos às políticas implantadas pelo Estado, exercendo pressão significativa nas decisões desse. Assim, defendiam a diminuição de impostos para seus negócios, a desobrigação do Estado com as políticas sociais, a flexibilização dos direitos trabalhistas e a liberalização da economia, entre outros.

Os empresários ocuparam um lugar privilegiado dentre os grupos que reivindicavam maior representação no início da redemocratização. Essa nova direita vai integrar diversos espaços, buscando não perder a interlocução privilegiada que construiu com o governo durante os anos ditatoriais. Dentre os espaços que possibilitavam a unificação de suas propostas sociais, os think tanks tiveram centralidade, já que, teoricamente, se afastavam das políticas partidárias e dos interesses corporativos, se constituindo em um instituto que pesquisava e pensava o Brasil, divulgando o que compreendiam como os melhores caminhos para seu desenvolvimento e

⁹⁵ *Ibidem*, 205.

⁹⁶ Philip Mirowski, «Postface: Defining Neoliberalism». In: *The Road from Mont Pèlerin. The Making of Neoliberal Thought Collective*, ed. por Dieter Plehwe, Philip Mirowski (Cambridge: Harvard University Press, 2009).

passando uma imagem de suposta neutralidade a partir da expertise de seus intelectuais e da apresentação de dados técnicos.

Dessa forma e como discutido ao longo do artigo, foi de extrema importância angariar além de financiadores e apoiadores do mundo gerencial, pensadores e professores universitários que tivessem construído suas formações com base em pesquisas e autores liberais e neoliberais. Os Leme, nesse sentido, se constituiu como elemento central do IL, pois a partir de suas conexões foi possível estabelecer uma rede de intelectuais que sustentaram teoricamente o instituto. Esses intelectuais produziram diversos estudos sobre liberalismo, neoliberalismo e as possíveis formas de aplicá-lo no Brasil, inclusive propondo alterações constitucionais e políticas públicas pró mercado. No entanto, não foram apenas os acadêmicos que exerceram um papel intelectual no instituto, alguns empresários também o fizeram, como o fundador do IL Stewart Jr., o qual não se restringiu a apenas dirigir o IL, mas realizou palestras e produziu inúmeros textos que buscaram sistematizar os conceitos neoliberais e propagandear suas propostas e concepções sociais.

Outro ponto abordado ao longo do texto foi a conexão em rede do IL com outros TTs internacionais, esses auxiliaram o instituto de diversas formas desde a sua formação, contando com ajuda direta de Fisher, do Atlas e do IEA, que aconselharam sobre os passos necessários para a efetivação, organização e funcionamento do IL. Além desses dois TTs outros foram se somando, construindo diversas alianças e parcerias que iam desde a indicação de atividade que poderiam ser realizadas pelo instituto, chegando ao financiamento de publicações, concessão de bolsas para estudantes brasileiros, visitas técnicas, intercâmbio de intelectuais, entre outras.

Diante dessas articulações, o artigo buscou compreender o papel do IL, seus membros e intelectuais para construir um consenso pró mercado no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, se lançando em uma batalha ideológica para angariar apoiadores e simpatizantes advindos de diversos âmbitos sociais. O neoliberalismo como exposto por autores como Dardot, Laval, Plehwe e Mirowski busca modificar a sociedade, construindo uma racionalidade própria que permita florescer novos comportamentos permeados pela lógica do mercado em todas as esferas da vida. A defesa apaixonada e ao mesmo tempo técnica que o IL promoveu do neoliberalismo incorporava essa concepção, já que entendia que fora deste modelo, a sociedade estaria sujeita a decadência política e econômica.

Fontes:

Bornhausen, Roberto Konder, «A missão dos Institutos Liberais no Brasil». *Idéias Liberais* 4 (1994): 1-8.

Bornhausen, Roberto Konder, «Estado e Iniciativa Privada». *Idéias Liberais* 20 (1996): 1-9.

Instituto Ludwig Von Mises Brasil, entrevista com Winston Ling, 2014. Acesso em 28/09/2018, <https://www.youtube.com/watch?v=6g2mW4tiTNQ>.

Instituto Liberal. Rio de Janeiro: ILRJ, 1988. Link: <https://www.institutoliberal.org.br/biblioteca/galeria-de-autores/og-f-leme/> Acesso em 04 ago. 2018.

Leme, Og Francisco, «A Constituição e a Empresa», *Conferências do IL 12* (1988): 1-23.

Leme, Og Francisco, *Neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, s/d.

Notas. Avaliação de projetos de Lei. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1993, 1-207.

Souza, Ubiratan Jorge, «O liberalismo sem adjetivos», *Idéias Liberais*, 5 (1994): 1-10.

Bibliografia

Acuña, Carlos. *Enseñanzas, mitos y realidades de la coordinación entre la sociedad civil y el Estado en América Latina. Un análisis comparativo de la incidencia de think tanks y su coordinación con el Estado para mejorar políticas y programas de combate a la pobreza en México, Brasil, Ecuador y Uruguay*. Salvador: XIV CLAD, 2009.

Campos, Pedro Henrique, *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985*. Niterói: UFF, 2012.

Casimiro, Flávio. *A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983 - 1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal*. São João Del Rei: UFJS, 2011.

Dardot, Pierre, Laval, Christian. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

Diniz, Eli. «Empresariado industrial, representação de interesses e ação política: trajetória histórica e novas configurações». *Política & Sociedade*, nº 9 (2010): 101-139.

Fischer, Karin, Plehwe, Dieter. «La formación de la sociedad civil neoliberal en América Latina: redes de *think tanks* e intelectuales de la nueva derecha». In: *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez, 58-78. São Leopoldo: Oikos, 2013.

Hinkelammert, Franz, «Democracia y nueva derecha en América Latina», *Nueva Sociedad* 98, (1988): 104-115.

Friderichs, Lidiane. *A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos: os casos do Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais e do Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina (1983-1998)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2019.

Gramsci, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2006.

Giordano, Verónica. «¿Qué hay de nuevo en las “nuevas derechas”?», *Nueva Sociedad* 254 (2014): 46-57.

Gouldner, Alvin. *La dialéctica de la ideología y la tecnología. Los orígenes, la gramática y el futuro de la ideología*. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

Gros, Denise. *Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República*. Porto Alegre: FEE, 2003.

- Lechner, Norbert. «The Transformation of Politics». In: *Fault Lines of Democracy in post-transition in Latin America*, editado por Felipe Agüero, Jeffrey Starke, 21-40. Miami: North-South Center Press, 1998.
- Mato, Daniel, «Think Tanks, fundaciones y profesionales en la promoción de ideas (neo)liberales en América Latina». In *Cultura y Neoliberalismo*, ed. por Alejandro Grimson, 19-42. Buenos Aires: CLACSO, 2007.
- McGann, James, Weaver, Kent. *Think tanks e civil societies: catalysts for ideias and action*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2000.
- Minella, Ary Cesar. «Reformas políticas e econômicas: a atuação da organização norte-americana Center for International Private Enterprise (CIPE) na América Latina». In *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez, 79-117. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- Minella, Ary Cesar, «O discurso empresarial no Brasil: com a palavra os senhores banqueiros», *Ensaio, FEE* (1994): 505-546.
- Mirowski, Philip, «Postface: Defining Neoliberalism». In *The Road from Mont Pèlerin. The Making of Neoliberal Thought Collective*, editado por Dieter Plehwe, Philip Mirowski, 417-456. Cambridge, Harvard University Press, 2009.
- Morresi, Sergio. *La nueva derecha argentina: la democracia sin política*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.
- Onofre, Gabriel. *O papel de intelectuais e think tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.
- Paim, Antonio. *História do liberalismo brasileiro*. São Paulo: LVM, 2018.
- Phelan, Sean, Dawes, Simon. «Liberalism and Neoliberalism», *Oxford Research Encyclopedia of Communication* (2018): 1-37.
- Plehwe, Dieter. «Introduction». In *The Road from Mont Pèlerin. The Making of Neoliberal Thought Collective*, editado por Dieter Plehwe, Philip Mirowski, 1-42. Cambridge, Harvard University Press, 2009.
- Plehwe, Dieter, Mirowski, Philip, eds. *The Road from Mont Pèlerin. The Making of Neoliberal Thought Collective*. Cambridge, Harvard University Press, 2009.
- Puello-Socarrás, José Francisco. «Ocho tesis sobre el Neoliberalismo (1973-2013)». In *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise*, ed. por Hernán Ramírez, 13-57. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- Ramírez, Hernán. «A simbiose neoliberal-autoritária: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do Cone Sul da América Latina». In *História, democracia & desigualdades na América Latina*, editado por Jairo Henrique Rogge, Marluza Harres, Vinícius de Oliveira Masseroni, Paulo Roberto Staudt Moreira, Deise Cristina Schell, 117-129. São Leopoldo: Oikos; 2022.
- Ramírez, Hernán. «El neoliberalismo em perspectiva conosureña de largo plazo». In *Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise*, editado por Hernán Ramírez, 311-348. São Leopoldo: Oikos, 2013.

- Ramírez, Hernán. «Institutos de Estudos Econômicos de Organizações Empresariais e sua Relação com o Estado em Perspectiva Comparada: Argentina e Brasil, 1961-1996», *Anos 90*, nº 13 (2006): 179-204.
- Rich, Andrew. *Think tanks, public policies and politics of expertise*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- Rocha, Camila. «O papel dos *think tanks* pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil». *Millcayac* 7 (2017): 95-120.
- Rocha, Camila. “*Menos Marx, mais Mises*”: *Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)*. São Paulo: USP, 2018.